

I

Ela estava linda no palco. Vestida em uma galabia cor nude cheia de moedas douradas e um enorme lenço escondendo seus curtos cachos, dançava divinamente, enchendo de alegria o espetáculo de dança da região, em comemoração à conquista do cargo de diretora que acabara de ganhar. Não era a primeira vez que eu a via dançar. Mas toda vez que eu a olhava movimentando seus braços, quadris e fazendo suas feições, era como se fosse a primeira vez, um arrepio me preenchia e meu coração pulava de alegria. Um dia, eu gostaria de ser igual a ela, eu precisava ser...

Em cada apresentação ela representava alguma mulher que a história registrou, mas a população esqueceu. Naquele momento ela representava Dandara, uma guerreira negra do período colonial do Brasil, que após ser presa, cometeu suicídio para não voltar à condição de escrava e assim ela se apresentava com destreza e com seu punhal, para que no final, ao chocar contra a própria barriga, representasse o suicídio de Dandara. E foi o que aconteceu. Ela chocou o punhal, a música parou, as luzes foram apagadas e não acenderam mais.

II

– Já faz um ano, Frida. – Minha professora de dança terminou o sermão por eu criar brigas no instituto de dança, por faltar algumas aulas e estar sempre dispersa.

– Me desculpe. – Foi tudo que eu consegui balbuciar olhando para os olhos fundos dela.

– Você não precisa se desculpar. Faz um ano que eu não te vejo sorrir, faz um ano que vejo a dor em você. – Ela olhou ao redor, como se procurasse as palavras. Estávamos do lado de fora de um grande prédio, à nossa frente, uma praça com algumas crianças brincando e ruas pouco movimentadas. – A minha irmã é psicóloga, podemos conversar com ela. Você não está sozinha.

– Obrigada. – Levantei pegando minha bolsa cheia de lenço de quadril, toalha, caderno, caneta, enfim, os utensílios que toda bailarina deve ter consigo tal qual minha mãe me ensinou e fui para o ponto de ônibus.

Minhas roupas estavam sujas e suadas, o rosa desbotado da blusa e a calça cinza me lembravam que aquela roupa era a minha preferida, minha mãe tinha me dado de presente quando eu evolui de turma na dança do ventre.

Cheguei em casa e estava tudo bagunçado. Louça suja, lençóis espalhados pela sala, e um cheiro nada agradável. Peguei um suco de caixa na geladeira, um salgadinho e fui para o meu quarto. Como a lâmpada tinha queimado, liguei o notebook e fiquei vendo os vídeos de dança que estavam

gravados. Minha mãe era linda, a vida combinava tanto com ela...

Entre uma lágrima e outra ouvi batidos na porta. Continuei quieta para quem quer que fosse, ir embora.

Voltei a assistir a ela dançando com o véu azul, rodopiando pelo palco de Madri, não sabia se sorria ou chorava. Ouvi batidas na porta novamente e decidi levantar e abrir.

Com uma pequena fresta na porta vi uma policial com alguns papéis na mão.

– O que fez?

– Frida? – Ela franziu o cenho com as suas sobrancelhas perfeitas e grandes cílios.

– Sim? – Abri um pouco mais a porta.

– Trago alguns documentos sobre um chamado que você abriu novamente há certo tempo... – Ela parou por um segundo e engolindo a saliva com dificuldade concluiu. – Sobre o caso da sua mãe.

– Sim?

– Você poderia nos acompanhar até a delegacia?

– Não posso. O que você traz de informação?

– Bom, por ser um assunto delicado, a minha orientação é te escotar até a delegacia e lá, terão profissionais para conversarem com você.

– Olha, na verdade eu estou de saída. – Alguma coisa me dizia que a notícia não era das melhores. – Então se você puder ser breve e me informar basicamente tudo o que eu preciso saber eu vou agradecer pois não tenho tempo de ficar indo em delegacias.

– Frida, é um assunto importante.

– Me desculpe, mas se você não pode me dizer na porta da minha casa, perdeu tempo vindo até aqui. Era só encaminhar um e-mail e no meu tempo livre eu apareceria por lá. Isso é tudo?

– Você está de saída para onde?

A verdade é que eu não estava de saída, mas precisava

mentir...

– Estou indo à psicóloga. A minha professora de dança me indicou hoje.

– Ótimo. Podemos te deixar lá e então conversaremos pelo caminho.

Era melhor não negar, então voltei ao meu quarto, peguei minha bolsa, passei a mão no cabelo para acalmar ele, coloquei uma bala de menta na boca e sai em direção à viatura.

– Olá, Frida. – Um policial loiro e de óculos escuros acenou no banco do carona e eu só balancei a cabeça.

– Qual é o endereço?

– Só um minuto. – Peguei o celular para encaminhar uma mensagem e desisti. – Na verdade, pode me deixar na escola de dança, a psicóloga é irmã da minha professora, nós iremos juntas.

– Entendi. – Ela ligou o carro e me olhou por cima do ombro.

– Você não está tentando fugir, está?

– Do que?

– Isso você que tem que me dizer. – O carro começou a se mover. – Como está o seu pai?

– Bebendo cada vez mais.

– Tem sido agressivo com você?

– Poucas vezes ele me encontra em casa para ser agressivo comigo. Quando eu chego, ele já está dormindo.

– E onde você fica durante o dia?

– O dia inteiro fico no instituto de dança. Tenho dança pela manhã, pela tarde e acabo estendendo um pouco da noite para não dar de frente com o meu pai.

– Tudo isso não está te fazendo mal?

– Você pode dar alguma informação do caso?

– Eu queria conversar com você na delegacia, lá teríamos suporte para isso. Mas ... – Ela deu uma pausa para esperar um grupo de crianças atravessarem a rua. – Acontece que...

– Não tem mais o que investigar, Frida. – O policial do lado dela tomou a palavra. – O caso será encerrado como suicídio.

– Mas não foi.

– Compreendemos o seu sentimento, a sua revolta... – A policial deu partida no carro enquanto voltava a falar e passava caretas para o seu colega. – Mas não possuímos mais recursos de continuar com a investigação.

– Como assim?

– Isso tudo nós explicaríamos para você na delegacia.

– Não foi suicídio. Ela nunca faria isso. – Senti minha boca amarga e os olhos enchendo de lágrimas. – Ainda mais no palco... Vocês conseguem perceber o quão isso é ridículo?

– Frida...

– Não! Era o espetáculo dela, em agradecimento ao instituto ter nomeado ela como... – Nessa hora eu me toquei que tinham mais duas pessoas concorrendo à vaga de diretora. Ou alguém queria a vaga dela, ou alguém não queria que ela ocupasse o cargo. Eu só precisava descobrir quem eram essas pessoas e se estavam dispostas a fazer tudo por isso. – Ok.

E ficamos em silêncio até chegarmos na escola.

– Amanhã no final da tarde, irei passar na sua casa. – A policial falou enquanto eu descia da viatura.

– Eu não estarei lá.

– Então eu irei um outro horário.

– Obrigada pela carona. – Fui em direção à sala que minha mãe costumava dar aula. Estava vazia.

A sala era ampla, com um espelho enorme tomando conta de toda a parede da frente e atrás. Ao lado, janelas de vidro e do lado que entrei grandes portas de vidro. Me sentei no chão preto, peguei papel e caneta e comecei a rabiscar ideias que comprovassem ou me ajudassem a investigar a morte da minha mãe.

Terminei de escrever e o meu celular começou a tocar. Era o Dani, meu melhor amigo que eu tinha afastado por meses. Não quis atender, deitei no chão e fui bombardeada por mensagens dele.

“Comprei um apartamento”

“Me ajude a escolher as plantas para decorar ele”

“Onde você está?”

“Acho que seria interessante se você vier jantar aqui nesse final de semana, convidei meia dúzia de amigos para celebrar a nova fase da minha vida.”

“Frida, porque você não conversa comigo como antes?”

“Dá algum sinal de vida, eu fico preocupado com você.”

“Quer sair? Fazer alguma coisa?”

“Vamos marcar um dia para você ver o meu apartamento.”

“Ah! Encontrei uma música e lembrei de você.”

Cliquei no arquivo que ele me mandou e a música começou lenta e dolorida. Senti vontade de dançar. Aumentei o som, coloquei no início e me levantei.

Toda a melodia me envolveu, braços, pernas, quadril, giros, olhos fechados, dor... Eu me expressava como não tinha feito há um ano. Nessa dança, tentei me livrar do peso que carregava, da falta que sentia, as cores tinham fugido do meu mundo e era isso que eu dançava, um eterno preto e branco.

Então a música acelerou e eu representava o elemento terra. Pesado, para baixo, firme. Antes da música terminar, olhei a porta de vidro e haviam quatro mulheres me olhando. Uma era aluna, duas professoras e a diretora do instituto.

Comecei a arrumar minhas coisas e a minha professora e a diretora entraram.

– Você não devia ter parado.

– Diretora, eu estou aqui sem permissão, me desculpe.

– Ora...

– Estava passando aqui por perto e a sala que minha mãe costumava dar aula estava vazia, então...

– Você pode vir quantas vezes achar necessário.

– Você deveria dançar assim nas aulas. – Minha professora falou pegando na minha mão. – Venha.

Não sabia para onde ela estava me levando. Apenas fui.

Ela parou em frente a uma porta de mármore e antes de deslizar ela para o lado, olhando nos meus olhos, falou vagarosamente:

– Anualmente nós efetuamos a limpeza do camarim e encontramos coisas que precisamos reciclar ou nos desfazer. Achei justo mostrar a você primeiro.

Quando ela correu a porta pude ver três figurinos, alguns objetos que pertenciam a minha mãe e as adagas.

Peguei as adagas, fiz o último movimento que a tinha visto fazer e as coloquei com toda força em minha barriga. Ouvindo um suspiro pesado da minha professora, puxei elas e o objeto voltou ao seu lugar, eram as adagas sem corte, flexíveis.

– Frida...

– Essas não são adagas reais, eu já sabia. – Peguei o figurino que ela tinha usado mais cedo naquela noite e cheirei.

– Você pensou na minha proposta?

– Não sei se seria uma boa, eu estou melhorando.

– Tudo bem, estarei aqui para o que precisar.

– Posso levar essas coisas comigo?

– Claro.

Juntei todas as coisas dela em uma sacola dourada grande e sai do camarim.

Ao passar pelo corredor principal, vi uma aglomeração próximo ao mural. Os papéis do espetáculo do final de ano tinham saído e cada uma olhava o que iria interpretar. Procurei meu nome e não o encontrei.

No primeiro momento eu não me importei, mas olhando o figurino da minha mãe comigo, quis fazer uma boa homenagem a ela e então fui à diretora.

Bati na porta olhando a placa de vidro bem feita escrito “Diretora Joana”. Entrei.

– Boa tarde. Meu nome não está listado no espetáculo de final de ano.

– Achamos que você não gostaria de se apresentar. A sua performance nas aulas não está mostrando vontade nem esforço da sua parte...

– Desculpe, mas vocês não têm que achar...

– Qual papel você gostaria de fazer?

– Dandara.

– Não posso permitir, Frida. O tema para o espetáculo será estrelas do cinema mundial. Escolha alguma atriz, cantora ou o que quer que seja e venha com a sua proposta.

– Ok. – Me levantei.

– Frida? Eu não te conheço mais. Você precisa voltar a ter vida dentro de você. Pode contar comigo no que precisar.

– Obrigada. – Me dirigi à porta e sai sem levantar a cabeça.

Quando cheguei em casa, meu pai estava jogado em uma poltrona rasgada no canto da sala assistindo a algum desenho na televisão, com um balde de pipoca entre as pernas, sem blusa e com uma garrafa de cerveja na mão. A essa altura já estava bêbado, então resolvi não falar com ele.

– Ei... – Parei antes de passar na porta da cozinha. – Teve uma policial te procurando aí.

– Ah. – Fui a cozinha, peguei biscoitos e meio litro de suco. Ao passar pela sala novamente ouvi outro “Ei”.

– Fui demitido...

– E está bebendo?

– Se eu quiser beber, eu vou beber. – Ele alterou a voz.

– É só isso?

– O que é isso na sua mão?

– Nada.
– Semana que vem iremos nos mudar para a casa da sua avó no interior.

– O que?? – Soltei mais alto do que imaginei.

– Você não tem lugar para ficar aqui, algumas contas estão atrasadas e eu não tenho de onde tirar dinheiro. Vamos nos mudar pra lá.

– E os meus cursos?

– Isso não é problema meu.

– Claro. Nem as contas atrasadas, não é? Já que você bebeu todo o dinheiro delas. Nem a morte da minha mãe... não sei como ela te aguentou por tanto tempo.

Nesse momento ele levantou da poltrona xingando todo os nomes que vinham à cabeça, eu corri para o quarto e me tranquei enquanto ele gritava e socava a porta.

Coloquei o fone no volume bem alto, e fiquei vendo vídeos de dança até adormecer.

III

O dia amanheceu frio e eu já estava atrasada para a aula de dança. Me arrumei com pressa e desci correndo a rua rezando para conseguir pegar o ônibus que passava na rua de baixo.

Cheguei na sala exatamente na hora do alongamento e por mais que não conseguisse me concentrar, concluí a aula e fui assistir à palestra sobre anatomia, quando recebi uma mensagem do meu amigo.

“É a última vez que lhe mando mensagem. Você está me afastando com o seu sumiço. Estou aqui para quando você voltar ao normal.”

Ignorei a mensagem e assisti a palestra até o final pensando no que poderia fazer para não ter que me mudar de cidade.

Saindo da sala fui abordada por uma das minhas colegas, Amelia, era uma menina de rosto engraçado, magra e de cabelos pretos curtos, vivia com um sorriso fino no rosto.

– O que achou da palestra?

– Interessante. – Eu conseguia perceber o meu desânimo em conversar com alguém, comecei a me incomodar com isso, queria voltar a ser como era antes.

– Amanhã teremos outra, sobre fisioterapia. Você virá?

– Não sei. A diretora pediu pra você falar comigo?

– Não. – Suas sobranceiras se juntaram e ela puxou a echarpe vermelha, como se estivesse com vergonha.

– Então você está conversando comigo porquê?

– Porque eu gosto de você, Frida. – Eu podia ver a decepção no rosto branco dela. – Eu não ligo se você está passando por problemas e não conversa com ninguém, e quando alguém vai falar com você, fica pisando em ovos.

– Me desculpe, Amelia.

– Eu falei com você porque éramos amigas antes e eu sinto sua falta. Irei guardar um lugar pra você na palestra de amanhã e se isso não for o bastante, eu não vou tentar mais.

Ela saiu brava, como se tivesse flutuando em seu longo vestido preto.

Caminhei com o peso das palavras dela até a sala da diretora e antes de bater ouvi a professora de ballet se alterar:

– Mas ela precisa de atendimento psicológico, não de um lugar no espetáculo! – Será que estavam falando de mim? – Do jeito que ela está, vai acabar se matando, igual a mãe dela fez.

Nessa hora abri a porta com violência, mais de dez professoras estavam ao redor da mesa da diretora, havia pouca luz na sala nesse momento devido as cortinas cobrirem as duas janelas. Queria a Marilyn Monroe, mas as meninas do sapateado já iriam interpretar ela, então decidi, por impulso.

– Hattie Mcdaniel. – A diretora Joana deu um leve sorriso e digitou algo em seu notebook.

– Que seria? – Ouvi a professora de danças modernas perguntar.

– A primeira afro-americana a vencer um Oscar. – Dei um passo para dentro da sala. – Ela trabalhava com comédia – Me virando para a professora de ballet falei bem calma – e ela não cometeu suicídio.

O clima pesou, olhei para a diretora e ela assentiu com a cabeça. Me virei e deixei as lágrimas caírem.

Chegando em casa, joguei a bolsa de lado, peguei uma

garrafa de vinho na geladeira, uma vela e me sentei com as costas apoiada no balcão. Minha professora me ligava sem parar. Coloquei uma música alta e bebendo vinho, comecei a queimar o meu calcanhar.

Quando essa dor chegava, todas as outras dores sumiam.

Terminado a minha “terapia” fui mancando grogue para o quarto, me joguei na cama e dormi até o meio dia.

Acordei com barulho de coisas quebrando na cozinha, meu pai estava bêbado mais uma vez. Levantei vagarosa, pronta para criar uma coreografia para o espetáculo. Estava buscando algumas músicas quando meu celular tocou.

Atendi sem saber quem era.

– Frida?

– Oi, Dani...

– Mulher, você sumiu... – Ouvi um chiado forte na ligação. – Que consideração é essa que você tem por mim?

– Você precisa de alguma coisa?

– Da minha amiga de volta.

– Eu estou aqui.

– Amanhã, almoço aqui em casa. Se não quiser ter contato com tanta gente é só vir mais cedo pra gente bater um papo.

– Eu tenho que ensaiar para o espetáculo...

– Acabei de te mandar o endereço. Se você não vier, a nossa amizade estará terminada! – Ouvi o tom de brincadeira na sua voz antes da ligação ser encerrada.

Depois de muito procurar, encontrei a música perfeita, mas não estava com vontade de me levantar e dançar, então fechei os olhos e comecei a imaginar a coreografia que poderia

se encaixar.

Estava quase pegando no sono quando ouvi batidas na porta. Abri os olhos, encarando a escuridão, abri a porta devagar e meu pai estava lá, barrigudo, cabeludo, sem blusa e com uma calça jeans rasgada cheio de pingos de tinta.

– Aqui, pai. – Ele estendeu uma sacola com algum lanche dentro.

– Obrigada. – Entrei e fechei a porta novamente.

Sentei para comer quando ouvi.

– Amanhã vou trocar a lâmpada do quarto. Você deveria comer aqui fora, aí está escuro.

– Obrigada! – Falei bem alto e fui pesquisar sobre Hattie Mcdaniel enquanto comia o grande x-tudo.

Ela nasceu de um casal de escravos em 1875 e decidiu virar atriz, trabalhou como cantora e também foi a primeira negra a trabalhar na rádio. Quanta conquista!

Além disso tudo, ainda trabalhava como empregada doméstica para completar o orçamento.

Fui lendo a pesquisa até que encontrei um anúncio sobre impressão digital e veio um breve pensamento. Será que tiraram as impressões digitais da adaga que matou minha mãe?

Nesse mesmo momento peguei o celular e escrevi para a Rosa Parks, a policial que estavam comigo desde o início.

“Por quanto tempo uma digital fica em um objeto?”

Não demorou muito e recebi:

“Depende... Uns dez anos?”

“Porque?”

“Foi tirado a impressão digital da adaga que matou minha mãe?”

“Frida, muitas pessoas pegaram naquela adaga, tinha muitas digitais sobrepostas.”

“Eu quero solicitar a lista das impressões, então.”

“Eu acabei de sair do serviço. Quer que eu passe na sua casa para conversarmos?”

“Não.”

“Como está o seu pai?”

“Bêbado.”

“Posso passar aí em meia hora.”

“Eu estou de saída.”

Então peguei as adagas que estavam comigo e as coloquei em um saco plástico.

Estava tarde para sair e averiguar as coisas que estavam a resolver em minha mente, então decidi apenas anotar todo o passo a passo dos próximos dias e forcei um sono.

IV

Abri os olhos inchados de choro da noite anterior e olhei a bagunça no meu quarto. As peças do figurino da minha mãe estavam jogadas no chão. Me levantei, tirei o celular do carregador, joguei tudo que estava no chão no guarda roupa e fui tomar banho.

Meu pai não estava em casa, então eu sai tranquilamente para a minha aula. Chegando lá, fiz tudo de uma forma robótica e ao sair da sala de aula, a diretora me chamou para uma conversa. No pátio, ela sentou em um dos bancos coloridos e me ofereceu um sanduíche de frango, eu aceitei e entre uma mordida e outra ela perguntou:

- Como você está?
- Estou melhorando.
- E o seu pai?
- Bebendo, como sempre. Agora ele resolveu se mudar para o interior e eu não quero ir com ele.
- Entendo. – Ela puxou as mangas da camisa de renda rosa – Já pensou em solicitar uma vaga aqui no instituto, em um dos quartos?
- Eu estou aqui por bolsa. Para morar aqui eu teria que pagar e não tenho recursos para isso.
- Experimenta solicitar, Frida. Acho justo você continuar conosco, além disso, você pode fazer as refeições na minha casa.
- Obrigada. Posso tentar conseguir.